

## RESENHA DE LA PALABRA Y EL PUÑO. PERFILES DE LA RETÓRICA NAZISTA EN EL MEIN KAMPF DE ADOLFO HITLER, DE GERARDO RAMIREZ VIDAL

Maria Helena Cruz Pistori<sup>1</sup>

RAMIREZ VIDAL, Gerardo. **La palabra y el puño**. Perfiles de la retórica nazista en el *Mein Kampf* de Adolfo Hitler. Instituto de Investigaciones Filológicas: México, 2013.

Recentemente, ao tratar dos 50 anos da morte do primeiro ministro do Reino Unido, Winston Churchill, a *Folha de S. Paulo* publicou artigo que faz retomada biográfica e bibliográfica sobre o líder inglês no mesmo período da Segunda Guerra em que se destacou a verve retórica nazista. A oratória de Churchill - o “guerreiro das palavras”, segundo o colunista João Pereira Coutinho - foi fundamental para o sucesso britânico contra Hitler (*Folha de S. Paulo*, *Ilustríssima*, 25/01/2015)<sup>2</sup>.

Em outras palavras, ao longo do século XX, apesar de termos vivido duas grandes guerras, a Guerra Fria e inúmeras outras menores, a palavra exerceu papel de destaque.

Qual o poder da palavra? Questão sempre atual, frequentemente esse mesmo poder é confrontado com o poder da força. Aristóteles, em sua *Arte retórica*, ensinava que a palavra é mais própria ao homem do que seu corpo, motivo pelo qual seria vergonhoso o homem saber se defender com a força física, e não saber fazê-lo por meio de suas possibilidades oratórias. De grande importância na Antiguidade grega, o uso da palavra era ensinado nas aulas de retórica, visando ao preparo do cidadão para a participação político-democrática.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutoranda em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Brasil. E-mail: mhcpist@uol.com.br.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/205386-o-guerreiro-das-palavras.shtml>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

Na Atenas dos séculos V e IV a.C, grandes políticos eram denominados retores, nos ensina Vidal, no artigo “La dimensión política de la retórica griega” (*Rétor*, 1(1), p. 85-104, 2011)<sup>1</sup>.

Sem dúvida, a profunda formação classicista destaca e valoriza os textos de Gerardo Ramirez Vidal, atualmente pesquisador do Centro de Estudios Clásicos do Instituto de Investigaciones Filológicas, na Universidad Nacional Autónoma de México, e autor de *La palabra y el puño. Perfiles de la retórica nazista en el Mein Kampf de Adolfo Hitler*. Aliás, o estudo dessa íntima conexão entre retórica e política também é tema privilegiado por ele em várias de suas obras, como *El debate sobre el parlamentarismo en México* (México, Cámara de Diputados, LVII Legislatura, 2000); *La palabra y la flecha. Análisis retórico de textos literarios de la Grecia antigua* (México, UNAM, 2005); *Jenofonte. La constitución de los atenienses* (México: UNAM, 2005). Dessa forma, não é surpreendente seu interesse pela retórica nazista, especialmente a do Führer, expressa em *Mein Kampf*: se a retórica é a arte da controvérsia, que controvérsia poderia haver num regime violentamente autoritário?

Nesta obra de Ramirez Vidal, a capa do pequeno livro (de bolso), nas cores da bandeira alemã, é o que primeiro nos chama a atenção; e não só pelo título - *La palabra y el puño. Perfiles de la retórica nazista en el Mein Kampf de Adolfo Hitler* -, escrito em letras brancas sobre o fundo vermelho, mas pela frisa grega logo abaixo do nome do autor, que está na parte superior central da capa. Sobre um fundo amarelo-creme, as gregas em preto sobressaem: mas são gregas de um tipo especial, formadas por uma fileira de suásticas unidas. Se, por um lado, as suásticas sempre nos chocam, por outro, a frisa expressa visualmente com precisão o conteúdo do texto: a retórica grega será o fundamento teórico-metodológico para a análise da retórica nazista. E a convicção enfaticamente antiautoritária e democrática do autor sobressai na dedicatória da obra: “a quienes con valentia y perseverancia han luchado en contra de la dictadura priísta”.

Com farta referência bibliográfica, que dá conta tanto de edições, resenhas e comentários de *Mein Kampf* quanto dos tratados e estudos que se fizeram sobre o texto hitleriano, o período histórico, a personagem e a própria retórica, Vidal introduz a obra retomando motivos já levantados para explicar como um “don nadie” conseguiu exercer tamanha influência sobre as massas.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.revistaretor.org/pdf/Revista-R%C3%A9tor-%20Ram%C3%ADrez-Vidal.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2011.

Reconhecendo que são inúmeras as causas que se conjugam naquele momento e espaço histórico, o autor detém-se, contudo, em uma delas: a reconhecida e “impressionante elocuencia” do ditador nazista, um “comunicador de massas por excelencia”. Ele introduz a tese que vai defender dizendo que *Mein Kampf* pode ser vista como um manual prático de retórica, que expressa os princípios e conteúdos dessa “técnica discursiva caracterizada por mezclar la palabra y la acción violenta para alcanzar los objetivos” (p. 14); como uma *ars rhetorica sui generis*, sob a ótica da retórica tradicional, a obra pretendia ensinar aos dirigentes do partido nacional-socialista como propagar, de maneira eficaz, a ideologia de Hitler.

Na busca da compreensão da retórica nazista, o autor mexicano inicia seu livro com um retrospecto da formação do Führer (no exército, realizou um breve curso de oratória), e afirma não ser ele um grande conhecedor da teoria retórica. Isso nos remete mais uma vez a Aristóteles, quando este afirma que todos os homens usam a palavra mais ou menos ao acaso, por hábito ou espontaneamente. Este é justamente o motivo que levou o filósofo grego a investigar teoricamente a causa do êxito e/ou fracasso dos oradores, objetivo de sua *Arte Retórica*. Aliás, esta é uma das questões básicas às quais sempre se voltaram os antigos: o grande orador o é por natureza, dom e talento, ou por conhecimento da teoria?

Após a Introdução, o capítulo inicial do livro (Capítulo I) oferece ao leitor esclarecimentos sobre *Mein Kampf*, começando, na primeira parte, com informações a respeito da circunstância sociopolítica em que o texto foi produzido. A partir disso, pode-se compreender como, após a derrocada econômica da Alemanha que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, a obra se constituiu um instrumento de enorme importância na ascensão e consolidação no poder do Führer (e admirar-se com o crescente êxito editorial do livro: de 23 mil exemplares entre 1925 a 1929 a cerca 10 milhões em 1943!). Vidal observa que, ao escrever, Hitler estava atento às condições externas - a atmosfera política, social e econômica, buscando adequar-se a ela e alcançar o destinatário, que dela partilhava, a fim de provocar os efeitos pragmáticos pretendidos. Segundo o autor, isso significa conhecimento (ainda que intuitivo) dos recursos macrorretóricos (p. 35): apresentando-se como um orador que se insere na situação, destaca dela os elementos que servem a seu projeto, enquanto refuta, reduz ou anula aqueles que lhe são incompatíveis.

Na segunda parte deste primeiro capítulo – *Un “manual” de retórica*, o autor detém-se na questão da finalidade com que o texto nazista foi escrito: “oferecer a los seguidores una serie de principios fundamentales, de doctrinas que debían utilizar en su trabajo propagandístico” (p. 38). Seria, então, uma obra de consulta, convertida num livro para as massas apenas a partir da ascensão de Hitler. Quanto ao gênero, conforme já adiantado, Vidal a considera um *tratado de retórica*, na medida em que o autor expõe de maneira razoavelmente sistemática, completa e com fins didáticos uma série de ensinamentos acerca do modo como se deve construir um texto oral ou escrito de natureza política para a propagação eficaz da ideologia nazista (p. 43). O estudo dos procedimentos retóricos estrategicamente utilizados para atingir tal objetivo está exposto no capítulo seguinte (Capítulo II) – *Elementos de la retórica nazista*.

O segundo capítulo encontra-se dividido em quatro partes, todas destinadas a tratar dos elementos retórico-aristotélicos da prova, aqueles que vão persuadir o auditório: o *ethos* do orador e o *pathos* do auditório, aliados na busca dos argumentos – a *inventio*; a *elocutio* e a *actio* (Vidal não trata da *dispositio*). Começando pelo *ethos* do “ótimo orador”, Vidal nos apresenta tanto os dotes físicos como as deficiências naturais do líder alemão – a voz, os gestos e a aparência não explicam seu sucesso como orador que inflama as massas; destaca, entretanto, que, ao exhibir-se como exemplo e tecer a narrativa de suas ações, constrói sua imagem no discurso. Assim, na primeira parte de *Mein Kampf*, Hitler apresenta seus pensamentos e ações como paradigma a ser seguido, colocando-se como o “orador racista por excelência”; isso funciona argumentativamente como meio de persuasão. Daí decorre também o estímulo ao “culto à personalidade”. Assim, embora pareça um discurso epidítico de louvor (a si mesmo), o propósito do texto é antes político, mostrar como se persuade acerca do que é útil ou prejudicial para todos ou para a maioria: “Para Hitler la retórica es, específicamente, el arte de conducir a las masas, y en ello consiste el arte de gobernar” (p. 67). Essa condução é “unidireccional, erística e perversa”, não admite réplica e pressupõe a destruição do adversário. Como modelo extremo de discurso autoritário de organizações e partidos de direita, os recursos retóricos de *Mein Kampf* só lograram êxito porque a eles se agregou a violência física: “El poder se basa en una conjunción de la palabra y el puño” (p. 77).

Ao tratar dos lugares do discurso político na obra nazista, Vidal apresenta os tópicos do nacional-socialismo ensinados e defendidos na obra a partir de uma perspectiva retórica. Observa que, na retórica democrática, a ordem dos argumentos é a seguinte: lógicos-éticos-patéticos; mas, na autoritária, a ordem é éticos-patéticos-lógicos. O autor destaca, então, a importância que Hitler concede à conquista do “corazón de las masas” na busca emocional da consecução de seus objetivos. Apenas para exemplificar, duas das premissas a partir das quais o líder nazista desenvolve entimemas são: “la mayor sabiduria del mundo será siempre inutil si no tiene una fuerza que la proteja y defienda; [...] la diosa de la paz puede aparecer sólo al lado del dios de la guerra, para significar que la paz necesita de la protección de la guerra” (p. 85).

Vidal aborda a *elocutio* do discurso hitleriano a partir da teoria dos três estilos, mostrando como o ditador busca o estilo humilde para se aproximar das massas ao enfatizar as virtudes da adequação e da clareza; e ainda trata das figuras mais frequentes dentre o amplo arsenal utilizado pelo nazista. É importante ainda destacar, para maior compreensão da retórica nazista, o último item desse segundo capítulo, que trata da *actio*. Embora *Mein Kampf* seja um texto escrito, nele o líder nazista aponta com clareza as distinções entre a expressão oral e a escrita, enfatizando o papel da oralidade altissonante na produção de mudanças significativas no outro, conjugada a elementos paraverbais suntuosos que buscam impressionar aliados e adversários. Segundo Vidal, para o orador nazista, “la calma, la condescendencia, la explicación detenida son contraproducentes” (p. 137).

Na conclusão, o autor resume e retoma os dados apresentados, agora com ponderações mais amplas, salientando as contribuições de sua análise. Lembra a importância do discurso, independentemente da situação, isto é, mesmo diante da força e da violência que prevaleceram durante o período nazista alemão; sem esquecer, porém, sua relação com as condições do contexto em que se insere. Nesse sentido, alerta para a necessidade tanto do reconhecimento das características dos discursos de regimes totalitários e intolerantes quanto de ações efetivas de participação cidadã na resolução dos problemas oriundos da situação sociopolítica e econômica – para que seja possível se opor a eles com uma retórica democrática, do diálogo, da tolerância e do respeito, a fim de sempre fortalecer o debate aberto. Vidal relaciona essa necessidade ao contexto atual da sociedade mexicana, em que

há grande desconfiança em relação aos políticos e à política, situação que também enfrentamos no Brasil.

Na verdade, essa reflexão final recupera plenamente a importância que a disciplina grega exerceu desde seus primórdios: a preparação do homem para o exercício da cidadania. Isso se faz na produção do discurso, que era o objetivo primeiro na Antiguidade, mas também no ensino da retórica para a compreensão desses mesmos discursos, pois é a partir deles que as ideias circulam. E é exatamente com essa preocupação que ele conclui sua obra: “La formación retórica del ciudadano es esencial para una vida democrática y crítica plena. [...] Sólo la educación cívica y el respeto a las leyes pueden evitar que el discurso totalitario se apodere del ciudadano y lo lleve a participar en acciones que violenten la civilidade de nuestros pueblos” (p. 144).

Enfim, para todos que se interessam pela retórica, pela argumentação, pelos estudos discursivos e, ainda, pela educação e pela democracia, e que buscam compreender cada uma delas mais profundamente no amplo contexto político e social em que vivemos, é recomendável a leitura da obra de Gerardo Ramirez Vidal. Ela permite o acesso e a reflexão sobre as ideias fundamentais do discurso nazista, visto sob a ótica de uma teoria retórica que a contradiz justamente em seus princípios: o princípio da controvérsia, responsável pela convivência democrática e civilizada entre os diferentes grupos e indivíduos na sociedade. Além disso, a atualidade do tema torna-se mais relevante quando nos lembramos de que, em 27 de janeiro deste ano, foram comemorados os 70 anos da libertação de Auschwitz, o campo de concentração nazista onde se estima que cerca de um milhão de judeus morreram<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/01/libertacao-de-auschwitz-completa-70-anos.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015.